
Dossiê

PERCURSOS ENTRE A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E AS PRÁTICAS MICROBIANAS: REFLEXÕES A PARTIR DA ARTICULAÇÃO ENTRE AS CONCEPÇÕES TEÓRICAS DE HENRI LEFEBVRE E MICHEL DE CERTEAU

Nola Patrícia Gamalho

Doutorado na linha de pesquisa territorial da geografia da UFRGS. Professora do curso de licenciatura em Ciências Humanas (UNIPAMPA - São Borja)

RESUMO

O diálogo entre as perspectivas teóricas de Lefebvre e Certeau possuem não apenas convergências possíveis, mas também correspondem à potencialidade de analisar as espacialidades contemporâneas na articulação de escalas, normas, lógicas e sujeitos. As inquietações teóricas dos autores implicaram na diversidade e complexidade de suas produções textuais. Logo, correspondem a inspirações conceituais, que instrumentalizam formas de desvendar o mundo contemporâneo em sua complexidade. A produção teórica abrange desde os sistemas ordenadores, como o espaço concebido ou as estruturas tecnocráticas, até a escala do sujeito comum, ordinário, cujas práticas correspondem aos espaços vividos e percebidos, configurando-se como astúcias e subversões ao sistema ordenador. Essa análise propõe uma reflexão teórica de articulação dos autores a partir dos livros “A produção do espaço” (LEFEBVRE, 2013) e “A invenção do cotidiano” (CERTEAU, 2009). Considera-se essa aproximação como um profícuo avanço na construção de interpretações de espacialidades complexas, envolvendo tanto os sistemas normativos e ordenadores, quanto as pequenas e constantes formas de driblar a norma.

Palavras-Chave: Henri Lefebvre; Michel de Certeau; Espaço; Práticas microbianas.

COURSES BETWEEN THE SPACE PRODUCTION AND THE MICROBIAL PRACTICES: REFLEXIONS FROM THE ARTICULATION BETWEEN THE THEORETICAL CONCEPTIONS OF HENRI LEFEBVRE AND MICHEL DE CERTEAU

ABSTRACT

The dialogue between the theoretical perspectives of Lefebvre and Certeau has not only possible convergences, but also corresponds to the potentiality of analyze the contemporary spatiality in the articulation of scales, rules, logic and subjects. The theoretical concerns of the authors resulted in the diversity and complexity of their textual productions. Thus, they correspond to conceptual inspirations, which instrumentalize ways to unravel the contemporary world in his complexity. The theoretical production includes since the regulatory systems, like the planned space or the technocratic structures, until the scale of the common subject, ordinary,

whose practices correspond to the experienced and perceived spaces, configured as astuteness and subversions to the regulatory system. This analysis proposes a theoretical reflection of the articulation of the authors from the books “The production of space” (LEFEBVRE, 2003) and “The practice of everyday life” (CERTEAU, 2009). This approach could be considered as a useful advance in the construction of interpretations of complex spatialities, involving both the regulatory systems, as the small ways to circumvent the rules.

Keywords: Henri Lefebvre; Michel de Certeau; Space; Microbial practices.

Introdução

Refletir a partir da articulação entre Certeau e Lefebvre orienta em direção ao rompimento com o óbvio, com o que é explícito e, conduz a aventura do rompimento das certezas, de perspectivas unilaterais ou dicotômicas. É urgente superar as fronteiras precisas e rígidas que encaixotam as teorias e teóricos em aspectos estanques e operar com a possibilidade de fomentar compreensões que favoreçam interpretações mais abrangentes. É preciso desencaixotar-se e interpretar o mundo na coexistência, correlação e disputa entre âmbitos aparentemente divergentes ou contraditórios, como as permanências e rupturas, as táticas e estratégias, cujas manifestações dão-se imbricadas.

Lefebvre, no livro “A produção do Espaço”, apresenta o desafio de construção de uma teoria ampla, não fragmentária, mas uma dialética entre o espaço vivido, percebido e, concebido e indissociável desses, as representações do espaço, os espaços de representação e as práticas espaciais. Logo, o autor articula, sem que haja a predominância de um sobre o outro, as materialidades, os sentidos, as ações e intencionalidades. Espacialidades que prescrevem, proscovem, normatizam, mas que também são vividas, apropriadas, ora em consonância com o sistema ordenador da ordem distante (LEFEBVRE, 2001), ora nas lógicas da ordem próxima.

Michel de Certeau (2009), em “A invenção do cotidiano”, convida o leitor a operacionalizar o olhar para práticas microbianas dos atores ordinários, de cotidianos ocultos nos traçados, concretos e arranha-céus da cidade. O olhar privilegia os passos pequenos, múltiplos, incontáveis, microscópicos, sem com isso dissociar das estruturas, pois as subversões dão-se dentro de uma ordem, denominada pelo autor como tecnocrática e as práticas, definidas como microbianas, são as astúcias e espertezas dos mais fracos, daqueles que inserem a lógica própria no espaço ordenado e ordenador, subvertendo-o em incontáveis formas, às vezes perceptíveis somente à observação densa.

Assim, o objetivo deste texto é estabelecer diálogos a partir da teoria de Henri Lefebvre com Michel de Certeau, partindo dos pontos de convergência, como as práticas espaciais, os enlaces entre estruturas relativas ao lugar – ordem próxima de Lefebvre e das astúcias e

Percursos entre a produção do espaço e as práticas microbianas

espertezas de Certeau- e das relações relativas a escalas de poder e ação mais amplas – ordem distante e as estruturas tecnocráticas. Esse diálogo se faz também nas possíveis divergências, essenciais a construção de possibilidades de análise e instrumentos de compreensão do mundo contemporâneo. Considera-se imprescindível a apropriação dos autores de forma a inspirar análises que desvendem o vivido em sua pluralidade, diversidade e normas próprias. Todavia, esse processo dá-se somente na articulação com o sistema ordenador e normativo. Dessa forma, a articulação entre as perspectivas teóricas assinaladas conduz a perspectivas multiescalares, tanto no campo das ações e intencionalidades, quanto sujeitos e espacialidades.

Contextos biográficos e teóricos de Lefebvre e Certeau

Henri Lefebvre nasceu no Sul da França, em 1901, vindo a falecer em 1991. Sua vida transcorreu em um período histórico de grandes conflitos e transformações espaciais. Vivenciou as duas guerras mundiais, a constituição do Estado Soviético, crise financeira dos anos 1930, ascensão do fascismo, nazismo e stalinismo, a Guerra Civil Espanhola, a guerra na Argélia, guerra do Vietnã, guerra fria, triunfo de Mao na China e de Fidel Castro em Cuba, Congresso do Partido comunista soviético em 1956, as rebeliões de 1968, o término da União Soviética no mesmo ano de sua morte (SALINAS, 2004). Participou do partido comunista, tendo sofrido inúmeras críticas, entre as quais as relativas ao enfoque no espaço e não no capital. Por 30 anos foi militante do partido comunista, sendo expulso em 1958. Segundo a enciclopédia soviética (The Great Soviet Encyclopedia), citada por Salinas:

Lefebvre se apartó del marxismo, defendiendo incompatibles ideas con los principios básicos del materialismo dialéctico. Fue expulsado del partido comunista por revisionista disfrazado de pseudo marxista. Posteriormente desarrolló posiciones antimarxistas y anticomunistas. Se convirtió en idealista, sustituyendo la filosofía científica por una antropología subjetiva (SALINAS, 2004, p. 32).

Esse é um dos pontos que demonstram o não conformismo de Lefebvre a dogmatismos. Escreveu sobre lógica, filosofia, estruturalismo, estética, política. Ao longo da vida estabeleceu diálogos, aproximações e afastamentos com os dadaístas, os surrealistas, os situacionistas. Seu trabalho tem forte influência de um pensamento marxista flexível, longe de dogmatismos e intenso diálogo que trava a partir de Marx, Hegel e Nietzsche corroborando em proposições teóricas não dualistas, originais e independentes (SCHMID, 2012). O acervo teórico produzido pelo autor é vasto e complexo, o que corrobora com a afirmação de Velásquez (2004) sobre a dificuldade de situá-lo, pois:

[...] hace un autor muy controvertido, y en ocasiones difícil de ubicar en el ámbito del marxismo, ya que no corresponde a las posturas del estructuralismo francés, pero

tampoco se puede decir que participa de la ortodoxia de algunos grupos, sobre todo de las décadas de los setenta y ochenta (VELÁSQUEZ, 2004, p. 62).

Sua preocupação e comprometimento com a mudança social foi constante em toda a sua vida, tendo sido um estímulo a ingressar no partido comunista. Salinas escreve que: “El, junto con los surrealistas y algunos amigos, consideraron que, para luchar por un cambio total de la sociedad, era indispensable adherirse a algún movimiento revolucionario, y les pareció que el indicado era el Partido Comunista”. Lefebvre compreendia o partido como uma contrassociedade que, no entanto, transformou-se em uma burocracia desenhada pelo Estado Soviético (SALINAS, 2004, p. 30).

Confronta-se com o intenso crescimento das cidades e a transformação de um habitar em um habitat, pautado pelo pensamento técnico empreendedor da desconstituição das relações de proximidade. Uma urbanização destrutiva programada pelo capitalismo avançado e produtora de espaços cada vez mais alienados e alienantes, fomentando a crítica a urbanização como uma questão social (COSTES, 2011). São sintomáticas dessa discussão os livros “O direito à cidade”, a “Revolução Urbana” e mesmo “A produção do espaço”. Motorista de táxi em Paris nos anos 1930, professor universitário em Nanterre a partir dos anos 1960, Lefebvre construiu seu olhar sobre o urbano e a cidade na experiência e analiticamente. Como motorista de taxi, “[...], Il dirá qu’elle fut essentielle pour son devenir de sociologue de l’urbain: là, en effet, Il écoute, Il observe, Il confronte théorie e pratique de la ville” (BERNIÉ-BOISSARD, 1994 p. 14-15).

Michel de Certeau constitui outro intelectual importante, cuja biografia mescla sua condição de historiador e jesuíta. Historiador da medicina e da sociedade, teólogo, psicanalista, discípulo de Freud, estudioso da linguística, semiótica e cultura, epistemologia das ciências sociais, novas tecnologias da informação, cognição. Constitui-se assim como um autor eclético, deslocando-se por diferentes campos de orientação intelectual. Na apresentação de “A invenção do cotidiano”, Giard define-o no movimento e inquietação:

Pelo leque de seus interesses de estudo, pelo entrecruzamento dos métodos que pratica sem prestar vassalagem a nenhum deles, e pela diversidade de competências, Certeau intriga e desconcerta. No tabuleiro de uma profissão de gostos geralmente sedentários ele não para de se movimentar e nunca se identifica com um lugar determinado (GIARD, 2009, p. 10).

Nasceu em 1925, vindo a falecer em 1986. Assim como Lefebvre, vivenciou importantes transformações relacionadas ao século XX, em especial Maio de 1968 que o marcou profundamente, como seu interesse pelas transformações culturais decorrentes das manifestações (BITTENCOURT, 2012). Certeau entrou para a Companhia de Jesus em 1950,

Percursos entre a produção do espaço e as práticas microbianas

conciliando a vida religiosa com a de pesquisador. Foi professor na *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales* e na Universidade da Califórnia (BITTENCOURT, 2012). Foi um importante crítico das questões sociais: “Dans le champ de l’action politique, De Certeau montre que la violence symbolique des classements sociaux peut no seulement obscurcir la vision du monde mais aussi servir la violence institutionnelle” (MAIGRET, 2000, p. 514).

Seu olhar curioso às práticas cotidianas como práticas microbianas revela as microrresistências e microliberdades que a densa, complexa, anônima e vertical cidade oculta ou desconhece. É a manipulação do sistema por uma multidão anônima (GIARD, 2009, p. 17), enfatizando as constantes, dispersas, diluídas possibilidades de driblar a norma ou o ordenamento imposto. Nega o sujeito como passivo, o que decorre das críticas a teoria do *habitus* de Bourdieu. Através de múltiplas metáforas, tece as práticas, astúcias e espertezas de cotidianos anônimos. Exige do leitor um intenso exercício de abstração para compreender sua proposta teórica e sua escrita rica em metáforas. Sobre a Invenção do Cotidiano, Maigret (2000) enfatiza a pluralidade que observa Certeau no cotidiano:

Elle ne se réduit pas à l’affirmation d’une ou de plusieurs thèses mais à une volonté clairement affichée et ordonnée de se donner les moyens d’étudier la modernité dans sa pluralité comme nouvelle articulation historique de croire et de faire, uniquement saisissable dans une méthodologie respectueuse des pratiques quotidiennes (MAIGRET, 2000, p. 512).

A invenção do Cotidiano é uma importante obra para as análises da atualidade, oferecendo às ciências humanas alternativas ao marxismo e estruturalismo predominantes, sem com isso romper com os mesmos. Assim como em Lefebvre, Certeau percebe as relações sociais em múltiplas escalas, todavia reforça a necessidade de apreender aquelas práticas despercebidas, mas que correspondem a formas de resistir aos processos de dominação.

Certeau e Lefebvre demonstram compromisso com as discussões sociais e com os espaços possíveis de transformação. Percebe-se, a partir da análise que os autores são marcadamente ecléticos e produtores de teorias originais e complexas. O que leva a defesa de que suas teorias não estão em polos discordantes, possuem convergências e divergências ambas favoráveis ao problema concreto que é analisar a sociedade contemporânea em suas relações com o espaço e suas práticas espaciais e microbianas.

Reflexões a partir da articulação conceitual

Uma primeira aproximação entre os autores é realizada a partir do espaço e das práticas, as quais Lefebvre denomina como espaciais e Certeau, como microbianas. A elaboração teórica

do espaço é mais problematizada e desenvolvida em Lefebvre, sendo que para Certeau o espaço tem existência nas práticas, assim a rua é transformada em espaço pelos pedestres que ali constroem incalculáveis e anônimos percursos cotidianos. “Espaço é efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais” (CERTEAU, 2009, p. 184). O espaço torna-se relevante a partir da ação da experiência que nele se desenvolve. Schmid, em uma interpretação da produção do espaço de Lefebvre, salienta que: “[...] espaço e tempo não existem de forma universal. Como eles são produzidos socialmente, só podem ser compreendidos no contexto de uma sociedade específica” (SCHMID, 2012, p. 89). Ou seja, não deve ser confundido com o espaço físico, mas na sua relação com a sociedade nos diferentes âmbitos de ação (Estado, Multinacionais, atores sociais coletivos ou individuais...). Para ambos os autores, o espaço está relacionado às práticas de atores, em Lefebvre na articulação entre diferentes atores e em Certeau focado nos atores do cotidiano.

Em Lefebvre a construção conceitual do espaço é complexa, fornecendo uma densa estrutura de análise, da qual são articulados os diálogos com Certeau nas relações vinculadas às práticas do espaço, em que o autor fornece indispensável contribuição a análise para pesquisas com enfoque no espaço vivido e no esforço de desmistificá-lo em suas homogeneidades e passividades. O espaço vivido e praticado é um ponto de convergência entre as perspectivas teóricas assinaladas.

As interpretações de Lefebvre subsidiam a diversidade de análises, tanto no que concerne às escalas, quanto aos campos do Saber. Há campo para múltiplas interpretações, uma vez que o autor não fornece modelos e categorias facilmente transpostos para a análise empírica, sendo sua contribuição uma inspiração (COSTA, 2003) podendo fortalecer compreensões mais integradoras. Na mesma linha, sobre a tríade espacial desenvolvida em “A produção do Espaço”, Schmid alerta que Lefebvre não fornece um modelo pronto, segundo o autor:

Como o espaço (social) é produzido? A chave para a teoria de Lefebvre é a compreensão de que a produção do espaço pode ser dividida em três dimensões ou processos dialeticamente interconectados. Lefebvre também os chama de *formantes* ou momentos da produção do espaço. Por um lado, eles se referem à tríade da ‘prática espacial’, ‘representações do espaço’ e ‘espaços de representação’. Por outro lado, eles se referem ao espaço ‘percebido’, ‘concebido’ e ‘vivido’. Esta série paralela aponta para uma abordagem dupla do espaço: uma fenomenológica e outra linguística ou semiótica.

Na obra de Lefebvre, entretanto, essas três dimensões existem em um estado de incerteza. Fiel às suas premissas epistemológicas, Lefebvre as introduz primeiramente como aproximações. Ele elabora seus intervalos de validade e as modifica ao longo de suas incursões. (SCHMID, 2012, p. 91-2)

Percursos entre a produção do espaço e as práticas microbianas

O foco está na produção do espaço o que incorre em movimento, na sua permanente transformação e relações sociais e espaciais as quais esse não é simples continente sob o qual estão localizados objetos/coisas, mas exerce papel significativo. É produto ao mesmo tempo em que interfere na produção. O espaço matemático/cartesiano, tido como transparente, o qual pode ser decodificado através de classificações e descrições é insuficiente para formulações teóricas mais amplas. É necessário não ocultar no campo teórico os conflitos, as disputas, uma vez que no plano das ações e discursos isso já ocorre. Essa relação matemática insere um primeiro elemento das tríades elaboradas pelo autor. Para Lefebvre, é necessário construir uma concepção que articule o espaço físico, mental e social. Seria a construção de uma teoria na perspectiva oposta às fragmentações.

Em Lefebvre, a construção teórica não se estabelece em uma relação entre dois eixos, mas três, como assinalado no mental, físico e social. Outras duas relações triáticas são indispensáveis no estudo de viés lefebvriano relativo à produção e uso do espaço pelos habitantes. Duas tríades articuladas entre si e internamente: a prática espacial, que engloba a produção e reprodução (relações de trabalho, reprodução familiar), lugares específicos de cada formação social. A prática assegura a continuidade e coesão social, implicando em competência e performance. Através da prática, têm-se os processos de dominação e apropriação do espaço. A prática está em relação com o espaço percebido, entre a realidade cotidiana e urbana. As representações do espaço, o espaço concebido, aquele dos cientistas, planejadores, tecnocratas é outro aspecto da tríade. Esse espaço concebido, que embora atue no vivido, desconhece-o em sua complexidade, é instrumental e associado às relações de dominação. É o espaço dominante, associado às relações de produção, ao ordenamento que se impõem e visa prescrever formas de usar o espaço. Por fim, os espaços de representação, o espaço vivido dos habitantes, usuários, mas também de artistas. É um espaço dominado, aparentemente de forma passiva, mas que a imaginação deseja modificar. São os espaços vividos, ligados ao lado clandestino e subterrâneo da vida social (LEFEBVRE, 2013). Para o autor, esses campos correspondem a:

En primer lugar, del físico, la naturaleza, el Cosmos; a continuación, del mental (incluida la abstracción formal y la lógica); y por último, del social. En otros términos, la investigación concierne al espacio lógico-epistemológico, al espacio de la práctica social, al espacio ocupado por los fenómenos sensibles, sin excluir lo imaginario, los proyectos y proyecciones, los símbolos y las utopías. (LEFEBVRE, 2013, p. 72).

Gutiérrez (2013) explica a triádica da seguinte forma:

El propósito lefebvriano sería concebir una teoría unitaria del espacio, dada esa contradicción diabólica entre la percepción, concepción y vivencia del espacio; o de otra forma, entre la práctica del espacio, las representaciones del espacio y los espacios de representación, contradicción encubierta por esos saberes y por esa

ideología de la espacialidad que mezcla rigor sin el pretendido saber racional, la planificación autoritaria y las imágenes más triviales.
[...] La cuestión central en este propósito consiste en dialectizar (más bien, trialectizar) el espacio: no se puede concebir como estático, pasivo o vacío, como se fuera sólo un objeto intercambiable o consumido [...] (GUTIÉRREZ, 2013, p. 47).

A elaboração teórica de Lefebvre enfatiza a análise nos múltiplos níveis e escalas (de ação, poder) presentes nas tríades. Os espaços vivido e percebido estão em estreita relação com as táticas e espertezas dos sujeitos comuns delineadas por Certeau. As construções relativas ao espaço vivido, percebido e concebido apresentam proximidades, consolidando a possibilidade de diálogos teóricos. Se por um lado podem estar associados os espaços vividos e percebidos às práticas e astúcias, desconstruindo-os como condicionados, por outro lado, o espaço concebido, cuja característica é a dominação, é para Certeau um simulacro teórico, “[...] um quadro que tem como condição de possibilidade um esquecimento e um desconhecimento das práticas” (CERTEAU, 2009, p. 159). O que Certeau está afirmando nessa passagem reforça a relação de um espaço concebido distante do vivido e percebido. Esses apontamentos não visam fragmentar essas esferas, o que seria contraditório com a proposta teórica, uma vez que estão em relação.

Embora Lefebvre em algumas passagens do texto do autor o espaço vivido aparece como passividade, o que é contrário à perspectiva de Certeau em identificar dentro do que parece homogêneo, espertezas e desvios, em outros momentos o autor sinaliza para as possibilidades de utopias espaciais. Schmid argumenta sobre a importância dos sujeitos na teoria de Lefebvre, colocando-os centrais em “[...] sua corporeidade e sensualidade, sua sensibilidade e imaginação, seus pensamentos e suas ideologias; seres humanos que entram em relações entre si por meio de suas atividades práticas” (SCHMID, 2012, p. 91). Também se vislumbram aspectos da astúcia na concepção de espaços de apropriação desenvolvidos por Lefebvre, os quais rivalizam com os espaços de dominação. Assim, articulado às escalas de análise que a proposta conceitual de Lefebvre oferece (desde a generalização da urbanização no sistema capitalista até a experiência no urbano e o cotidiano), tem-se o acréscimo que a perspectiva de Certeau oferece em ler os desvios e insurgências microscópicas no próprio sistema que se quer homogêneo.

Lefebvre traz a problemática espacial como indissociável do modo de produção do capitalismo. Cada sociedade produz um determinado tipo de espaço e a transformação da sociedade deve também incorrer em outro espaço, hoje talvez utópico, mas possível. Relações hierárquicas e desiguais estão presentes no espaço-tempo, contudo, é na lógica de transformação a partir da industrialização e constituição do Estado que se tem o percurso de

Percursos entre a produção do espaço e as práticas microbianas

configuração espacial atual. Para tanto, Lefebvre elabora densa argumentação, na qual exemplifica as escalas de ação, poder e intencionalidade no espaço social, absoluto, contraditório, de dominação; espaços de apropriação, de representação, vividos. Como constituí-los como teoria unificada, uma vez que o autor critica as ciências parcelares que apreendem apenas feições do espaço? É através do conceito de produção que todas essas facetas são elaboradas em suas particularidades e disputas, de forma interligada e não disjunta e fragmentária. São muitos, complexos e articulados os aspectos que Lefebvre convida a trilhar e com isso, traçar análises não acantonadas; mas implicando-se mutuamente, sendo objeto de investigação as mediações.

El proyecto que se esboza aquí no tiene por objetivo producir un (el) discurso sobre el espacio, sino mostrar la producción del espacio mediante la reunión en una teoría de los diversos tipos de espacios y las modalidades de su génesis (LEFEBVRE, 2013, p. 77).

O espaço conforma uma totalidade que não se revela de forma imediata e transparente, ao contrário, contém ideo-lógicas e sócio-lógicas (LEFEBVRE, 1999), discursos que encobrem/ocultam/disfarçam as formas, relações, hierarquias inerentes à configuração espacial em desenvolvimento no mundo contemporâneo. A própria generalização da urbanização revela a generalização de um modo de vida e hierarquias hegemônicas, mas não homogêneas e tampouco homogeneizantes e pasteurizadoras do espaço. Evidencia as relações de poder contidas na produção do espaço, em que esse não é passivo nas estratégias de hegemonia:

Hoy en día la clase dominante mantiene su hegemonia por todos los medios, incluido el conocimiento. El vínculo entre saber y poder se vuelve manifiesto, lo que no impide en absoluto un conocimiento crítico y subversivo; al contrario, define la diferencia conflictiva entre el saber que está al servicio del poder y el conocimiento que rechaza reconocerse en este. (LEFEBVRE, 2013, p. 71).

O autor sinaliza nessa passagem que as relações de dominação, além de apoiarem-se no saber, não eliminam as possibilidades de desvios e insurgências. Mas onde encontrá-las? Nas possibilidades de análises críticas e integradoras? No espaço vivido e percebido, nas práticas cotidianas? Retomando a afirmação de Costa (2003) de que Lefebvre nos oferece inspirações, é possível inferir que as subversões/desvios/insurgências estão em toda a parte, no subterrâneo das práticas, no cotidiano, na constituição dos saberes. As práticas teimosas, insurgentes, silenciosas e incontáveis, que reelaboram/hibridizam a norma, a ordem, os sentidos tornam-se emergentes e compreensíveis na sua articulação e disputa, no diálogo entre as propostas dos autores aqui delineadas.

O aporte teórico de Lefebvre conduz a análise espacial em suas múltiplas escalas de produção, todavia a partir de sua articulação. Ao compreender a sociedade de consumo dirigido

como instituidora de um cotidiano programado, delinea as u-topias, o alhures, as possibilidades que transgridam esse aprisionamento da mercadoria, que atinge inclusive o espaço, às vezes ele mesmo uma mercadoria. Os espaços de apropriação embora sejam oprimidos e desconstituídos nos espaços de dominação, configuram-se como permanências visíveis no uso dos espaços da rua, praças, para encontros, visibilidades, reconhecimentos que são produzidos no cotidiano. Certeau (2009), parte desse sistema programado e programador de práticas para destituí-las na menor parcela da totalidade, a do sujeito e suas práticas, a da vida cotidiana. Há as maneiras de fazer as quais intervêm no campo das ações prescritas, recriando-as de múltiplas e divergentes formas em que “[...] introduzem aí uma maneira de tirar partido dele, que obedece a outras regras e constitui um segundo nível imbricado no primeiro [...]” (CERTEAU, 2009, p. 87).

Para Lefebvre essa relação entre campos de força, embora sofra os efeitos dos condicionamentos, traz essas relações mais atreladas a um campo de luta e transformação do espaço e sociedade. Para Certeau é essencial reconhecer que a dominação não se faz de forma hegemônica e arrasadora, mas que em seus interstícios vislumbram-se as microrresistências e microliberdades.

A análise a partir da teoria de Lefebvre constitui-se um espaço mental, mas não aquele dos planejadores (espaço abstrato de dominação que identifica o vivido através do concebido). O pesquisador não deixa de atuar em um espaço que é mental, mas os vínculos que estabelece com o vivido e percebido possibilitam sua superação e aproximação, embora nunca os reproduza em sua complexidade. Enquanto espaço mental e, nesse sentido, uma representação do espaço, tem-se o compromisso com a crítica aos processos que ao produzir o espaço e a cidade, fragmentam-no segundo uma hierarquia social. Em Lefebvre são recorrentes as questões: por quê? Para quem? Com quais interesses? Essas questões colocadas repetidamente evidenciam a não naturalidade, não organicidade desse processo. Assim como suas respostas: “sim e não”, que distanciam a análise das dicotomias e das simples oposições, podendo estar relacionados à transcendência do problema, ou sua adoção como absoluto (SCHMID, 2012). Ele reforça o espaço como meio de produção, controle e dominação, mas também em suas fissuras, as relações de apropriação e práticas e táticas teimosas (CERTEAU, 2009).

De que el espacio así producido sirve tanto de instrumento del pensamiento como de la acción; al mismo tiempo, que constituye un medio de producción, un medio de control y, en consecuencia, de dominación y de poder, pero que escapa parcialmente, en tanto que tal, a los que se sirven de el (LEFEBVRE, 2013, p. 86).

O conceito de produção discerne a obra do produto, atribuindo esse ao capitalismo e ao movimento de homogeneização, assim como uma mercadoria. Para Lefebvre, a obra é

Percursos entre a produção do espaço e as práticas microbianas

insubstituível e o produto reprodutível, homólogo, repetitivo, oculto sob a ótica (véu) da espetacularização, da diversidade simulada. Todavia, ainda que assuma a forma mercadoria, o espaço não é uma simples coisa, um produto como qualquer outro ou regido sob os condicionamentos do mercado. O espaço é também o lugar onde se realiza a reprodução das relações de produção, não de forma que essa prepondere sobre o espaço, mas em uma dialética em que uma condiciona a outra. A produção não se refere apenas aos produtos, aos objetos, não é a produção dos economistas, dessa forma, a reprodução atinge todo o espaço, desde o planejamento, o espaço concebido, até a vida cotidiana, o espaço vivido pelos sujeitos que não apenas usam os espaços, mas os produzem. É simultaneamente produto e meio de produção. Assim, para Soja (1993, p. 73): “[...] a organização do espaço era não apenas um produto social, mas, simultaneamente, repercutia na moldagem das relações sociais”. Soja reitera essa perspectiva na análise da obra de Lefebvre:

[...] que as relações sociais e espaciais são dialeticamente inter-reativas, interdependentes; que as relações sociais de produção são formadoras do espaço e contingentes ao espaço (ao menos na medida em que, antes de mais nada, mantenhemos uma visão do espaço organizado como sendo socialmente construído) (SOJA, 1993, p. 103).

A produção do espaço é também a produção de realidades, de modos de vida. É material e mental, produz e é produzido a partir de relações sociais. Os objetos, como um conjunto habitacional, um museu, uma estrada, constituem-se como materialidades e também relações, embora a última nem sempre seja tão evidente em sua essência. As periferias, as favelas, apresentam materialidades que se constituem e conformam modos de vida e estratégias desses lugares, compondo muitas vezes o próprio lugar como a tática. Viver na metrópole e romper com a premissa do solo como mercadoria é uma forma de insurgência. As estratégias de vida, os pequenos comércios de bairro, os comércios ilegais (camelôs), as piratarías, todos são táticas dos atores menores dentro do sistema ordenador.

O espaço material - edificado, produzido, recurso - e o mental - discursos, ideologias, símbolos e significados - compõem o espaço social, esse constituído e constituidor das relações entre o concebido, o vivido e o percebido. Essa disjunção não estabelece limites definitivos, já que o concebido pode estar contido no vivido e vice-versa. Contudo, as lógicas que orientam as ações desses distintos níveis constituem-se a partir da distância que não se estabelece por uma ordem métrica. A ordem próxima, da vizinhança, da coexistência, e a ordem distante, das corporações, estado, instituições são eixos que prescrevem as práticas do espaço social, embora não as condicionem. A norma insere a possibilidade do desvio e de formas de reelaboração das mesmas. Certeau mostra esse aspecto nas relações coloniais:

Há bastante tempo que se tem estudado que equívoco rachava, por dentro, o “sucesso” dos colonizadores espanhóis entre as etnias indígenas: submetidos e mesmo consentindo na dominação, muitas vezes esses indígenas faziam das ações rituais, representações ou leis que lhes eram impostas outra coisa que não aquela que o conquistador julgava obter por elas. Os indígenas subvertiam, não rejeitando-as diretamente ou modificando-as, mas pela sua maneira de usá-las para fins e em função de referências estranhas ao sistema do qual não podiam fugir. (CERTEAU, 2009, p. 39).

Esses dois eixos realizam-se em confluências, conflitos, sobreposições, hibridismos. De um lado, o próximo, cuja essência é do cotidiano, o vivido - sensorial, emotivo, repetitivo e inusitado - onde a subjetividade e a intersubjetividade preponderam. Ainda no próximo, o espaço da troca, das práticas espaciais que se realizam na rua, nos encontros. Aqui, têm-se as intersubjetividades. Desses dois níveis resulta a produção do espaço de representação. O concebido, vinculado à ordem distante incide tanto no vivido, quanto no percebido, normatiza práticas e valores, atua tanto na materialidade, quanto nos significados, produzindo as representações do espaço.

O espaço é condição essencial da reprodução social da sociedade, é onde a vida se realiza. Mas ao constituir-se como mercadoria, atua na fragmentação morfológica e simbólica da cidade. Há o consumo do espaço, constituindo territorialidades (bairros, vilas) na cidade e há o espaço de consumo, a rua tornada espetáculo da mercadoria ou em práticas que teimam em permanecer na configuração dos lugares de encontro. Em Lefebvre há a antagonização entre o espaço da dominação e o da apropriação. O primeiro é o espaço como mercadoria, como propriedade privada, onde o valor de troca prepondera. O segundo é o espaço da coexistência, do encontro, o espaço do uso quando não intermediado pela troca. Contemporaneamente os discursos sobre violência e segurança pública atuam no aniquilamento do espaço de apropriação. A rua passa a significar perigo, fazendo dos espaços privados o local de encontro entre iguais e diferentes, mediado por um sistema de permanente vigia. Tem-se estratégias de controlar esses espaços, contudo as práticas cotidianas e microbianas reescrevem-no: nas periferias as calçadas são usadas para a permanência de moradores, as ruas tornam-se campos de futebol, as esquinas locais de encontro, no shopping são realizados os rolezinhos, subvertendo os signos de distinção na marca pirateada, na prática de espaços elitizados.

A desconstrução dos espaços de apropriação cresce conforme predomina no espaço o valor de troca, restringindo o valor de uso e transformando os sujeitos em usuários da cidade. Os espaços de dominação são produzidos na ordem distante, é o espaço concebido, as abstrações técnicas, revestidas de simbolismos e significados, em uma aproximação com a teoria de Certeau, correspondem às estratégias tecnocráticas que antagonizam com as táticas

Percursos entre a produção do espaço e as práticas microbianas

cotidianas. Já o espaço de apropriação vincula-se aos usos do espaço, como no espaço percebido, das práticas espaciais e o espaço vivido, sensorial, afetivo e às vezes opressivo. Nessa perspectiva, é possível inferir em práticas microbianas constituindo-se como práticas de apropriação. A distinção proposta por Lefebvre articula elementos presentes no mundo contemporâneo: condicionamento e rebeldia e com isso abre uma perspectiva para as pluralidades de práticas contidas no cotidiano.

A ideia de dominação, presente em Marx e em Hegel, Lefebvre antepõe a possibilidade de apropriação “próxima e distante a um só tempo”- apropriação possível e não possível de se realizar- e mais uma vez sim e não a um só tempo. Contrapõe, assim, concebido e vivido, que no capitalismo expressam-se na contradição entre valor de troca e valor de uso, a partir da qual define a tríade da representação do espaço social e a relaciona aos três momentos da produção do espaço a partir de três esferas escalares de reprodução social. (LIMONAD e LIMA, 2003, p. 21).

Quanto mais dominado, mais externo aos indivíduos, aos tempos do espaço vivido, embora, como salienta Certeau, há nessa dominação e prescrições também desvios e astúcias. O espaço de dominação é imposto a partir de uma ordem distante, que produz normativas, transforma materialidades e cria significados. Esse espaço, do concebido-abstrato, é instrumento do poder e tem sua eficiência na desconstrução dos espaços de apropriação, com isso a cidade como encontro de diferentes. Esse embate reelabora as práticas espaciais dos bairros e das ruas, espaços em que, cuja escala e conjuntura propiciam (propiciavam) a proximidade.

Em Certeau (2009), a cidade constitui-se a partir de uma ordem tecnocrática portadora de estratégias e, de práticas portadoras de táticas. Dois âmbitos, com lógicas e mecanismos de ação e ordenamento coexistindo, à semelhança entre uma ordem próxima e distante, ou na perspectiva horizontal e vertical. As estratégias tecnocráticas são um paralelo do espaço concebido, pois os espaços que criam são modelos abstratos, de quem olha um mapa de cima, são, portanto,

[...] ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas de discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem. Elas combinam esses três tipos de lugar e visam dominá-los uns pelos outros. Privilegiam, portanto, as relações espaciais. (CERTEAU, 2009, p. 96).

Estratégias são mecanismos através dos quais sujeitos de querer e poder (instituições, exército, Estado, cidade) produzem, ordenam e controlam os sujeitos, como o controle espacial *panóptico*. Dá-se de forma estrutural: a constituição de espaços homogêneos e ordenados e nos múltiplos processos disciplinares da sociedade. É exterior ao espaço vivido, embora seja um de seus elementos. As ações, ora condicionadas, ora características das táticas e espertezas

microbianas, as quais Certeau (2009) define como práticas no espaço do outro, da cidade normatizada, são o campo de ação dos atores ordinários, invisível, imperceptível ou combatido através das representações da cidade como espaços violentos.

As táticas são os mecanismos através dos quais esse substrato produzido e imposto é metamorfoseado a partir das práticas cotidianas em um jogo de maneiras de utilizar a ordem imposta. É oposta a homogeneização, pois dado a sua pulverização, constitui inúmeras maneiras do fazer, portanto institui a pluralidade e a criatividade.

Na realidade, diante de uma produção racionalizada, expansionista, centralizada, espetacular e barulhenta, posta-se uma produção de tipo totalmente diverso, qualificada como “consumo”, que tem como característica suas astúcias, seu esfarelamento em conformidade com as ocasiões, suas “piratarías”, sua clandestinidade, seu murmúrio incansável, em suma, uma quase invisibilidade, pois ela quase não se faz notar por produtos próprios (onde teria o seu lugar?), mas por uma arte de utilizar aqueles que lhe são impostos (CERTEAU, 2009, p. 88-9).

As táticas são resistências da cultura, maneiras de fazer, de habitar, de caminhar, de cozinhar que preservam e criam singularidades na ordem imposta, resistindo nas malhas do sistema em uma miríade de movimentos quase invisíveis. São as astúcias, espertezas e saberes dos sujeitos que mapeiam, em narrativas e vivências, os espaços em horizontalidades, lembranças e sonhos.

Para Certeau, as práticas constituem os espaços. Esse não é definido por seus objetos. A cidade tem objetos, concreto e metal, contudo somente torna-se espaço a partir das práticas, logo o conceito de espaço é intrínseco à ação, ao fazer, à perspectiva humana da ordem próxima. A rua do urbanista transforma-se em espaço pelos passos do pedestre em incontáveis formas que cada pessoa se inscreve e reescreve o espaço. “As redes dessas escrituras avançando e entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias [...]” (CERTEAU, 2009, p. 159).

Essa perspectiva tem centralidade nos modos de fazer aos quais os sujeitos comuns são os autores. Enfatiza os modos de fazer “subterrâneos” porque ignorados, mas constituidores da vida na cidade. As práticas, as maneiras de fazer quando não condicionadas às prescrições de como agir, de como fazer, de como morar. A ordem tecnocrática e suas estratégias não consolidam espaços homogêneos, pois nas suas fissuras, ranhuras, buracos, nos interstícios das redes disciplinares estabelecem-se as artes do fazer, em que “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada” (CERTEAU, 2009, p. 38).

Percursos entre a produção do espaço e as práticas microbianas

Considerações finais

As práticas espaciais são compreendidas no diálogo entre a produção do espaço de Lefebvre (2013) e as práticas e astúcias microbianas de Certeau (2009). Certamente essas teorias têm diferenças conceituais que, no entanto, não são irreconciliáveis. Ambas oferecem possibilidades de compreensão da sociedade moderna: a primeira na sua densa análise da produção do espaço; e a segunda na necessidade de desconstrução do homogêneo e das passividades cotidianas. O constante conflito e a articulação presentes na tríade do espaço concebido, percebido e vivido convergem para as possibilidades de insurgência e teimosias propostas por Certeau. Tomá-los como inspiração possibilita também a liberdade de talvez avançar por caminhos diversos dos esperados, em realidades plurais e complexas.

Nos conceitos de espaço social e práticas microbianas encontram-se, em diferentes e complementares perspectivas, diálogos entre estruturas, práticas e significados. As estratégias tecnocráticas são um paralelo do espaço concebido, e as táticas próprias dos espaços vividos. Essa articulação potencializa o espaço possível, aquele da criação, da apropriação. Esse desencaixotar, desengavetar e conversar com autores de correntes e perspectivas teóricas diferentes possibilita traçar outros olhares, não menos comprometidos ou rigorosos, mas em consonância com a complexidade da cidade contemporânea.

Referências

BERNIÉ-BOISSARD. Henri Lefebvre, sociologue du quotidien, philosophe de la modernité. **Espaces et sociétés. Actualités de Henri Lefebvre**. Paris: Éditions L'Harmattan. n. 76, 1994, p.13-30. Disponível em: ftp://ftp.bnf.fr/561/N5619777_PDF_1_-1DM.pdf. Acesso em: setembro de 2014.

BITTENCOURT, Maria Inês Garcia de Freitas. Michel de Certeau 25 anos depois: atualidade de suas contribuições para um olhar sobre a criatividade dos consumidores. **Polêm!ca**, v. 11, n. 2, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1 artes de fazer. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

COORNAERT, Monique; GARNIER, Jean-Pierre. Présentation. **Espaces et sociétés. Actualités de Henri Lefebvre**. Paris: Éditions L'Harmattan, n. 76, 1994.

COSTA, Geraldo Magela. A contribuição da teoria do espaço de Lefebvre para a análise urbana. LIMONAD, Ester (org). **Entre a ordem próxima e a ordem distante**: contribuições a partir do pensamento de Henri Lefebvre. Trabalhos apresentados na Sessão Livre: Entre a ordem próxima e a ordem distante do X Encontro Nacional da ANPUR- Belo horizonte, 2003.

COSTES, Laurence. Del ‘derecho a la ciudad’ de Henri Lefebvre a la universalidad de la urbanización moderna. **URBAN: Revista del Departamento de Urbanística y Ordenación del Territorio**, Madrid, v. 14, n. 2, 2012.

DI MÉO, G.; BULÉON, P. **L’espace social**. Lecture géographique des sociétés. Paris: Armand Colin, 2007.

GIARD, Luce. Apresentação. In.: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HIERNAUX-NICOLAS, Daniel. Henri Lefebvre: del espacio absoluto ao espacio diferencial. **Revista Veredas: Revista de Pensamiento Sociológico**. México, v. 5, n. 8, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

_____. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing Libros, S. L., 2013.

LIMONAD, Ester; LIMA, Ivaldo Gonçalves de. Entre a ordem próxima e a ordem distante: contribuições a partir da obra de Henri Lefebvre. LIMONAD, Ester (org). **Entre a ordem próxima e a ordem distante**: contribuições a partir do pensamento de Henri Lefebvre. Trabalhos apresentados na Sessão Livre: Entre a ordem próxima e a ordem distante do X Encontro Nacional da ANPUR- Belo horizonte, 2003.

LINDÓN, Alicia. Las huellas de Lefebvre sobre la vida cotidiana. **Revista Veredas: Revista de Pensamiento Sociológico**. v. 5, n. 8, México, 2004.

MAIGRET, Monsieur Éric. Les trois héritages de Michel de Certeau. Um projet éclaté d’analyse de la modernité. **Annales. Histoire, Sciences Sociales**, année, n. 3, 2000. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess_0395-2649_2000_num_55_3_279861. Acesso em: maio de 2014.

SALINAS, Roberto Donoso. Aproximación a Henri Lefebvre. **Revista Veredas: Revista de Pensamiento Sociológico**. v. 5, n. 8, México, 2004.

SHMID, Christian. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. **GEOUSP, espaço e tempo**, São Paulo, v. 17, n. 32, 2012.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993

VELÁSQUEZ, Blanca Rebeca Ramírez. Lefebvre y la producción del espacio. Sus aportaciones a los debates contemporâneos. **Revista Veredas: Revista de Pensamiento Sociológico**. v. 5, n. 8, México, 2004.